O que é isso?!

Certa matéria post-mortem de Joey Ramone perguntava "onde estão os ídolos". Mais de cinco vezes usou-se a palavra "movimento", dez vezes "ídolo" e um punhado mais de "seguidores". O que é isso?! Parecia reportagem sobre alguma seita!

Pasmante, prossegue a leitura, proporcionando gemas como "o que vai ser do rock daqui em diante? Acabaram-se os ídolos?" ou "Muitos fãs viram seus ídolos morrerem e começaram a se sentir sem rumo" e a inacreditável "O movimento não deixa de acontecer só porque o líder morreu".

DESDE QUANDO ROCK É MOVIMENTO? Que papo é esse de se sentir sem rumo por falta de ídolos?! Conversa pra ovelha seguir...

Ande seu próprio caminho. Que negócio é esse de altarzinho?! Sai dessa, mermão! Rock é irreverência e não burocracia, rock é berro, não instituição, rock é nada, não convenção!

Reproduzindo palavras do leitor Marcos Simas de Souza, "*O rock não precisa de salvação, não precisa de nada! Enquanto existir moleque revoltado e de saco cheio com a porra toda, vai existir rock sempre! Rock (putaquipariu, tem que repetir mil vezes!) não é estilo musical, é atitude! O rock não precisa de piedade e nem pena de ninguém muito menos da porra da mídia.*"

É tudo isso & mais um pouco.

Cláudia Reitberger

"Tem uma coisa que tenho que lhes dizer agora: eu não toco blues, eu toco rock'n'roll!". Jon Spencer em "Talking About The Blues"

TRILHA SONORA:
.At The Drive In
.The Wrong Chords
.Goran Bregovic
.Richard Ashcroft
.Soutien Xiita

rock press

#35 - ANO VI - JULHO 2001

DIRETORES
Robson Vera e Cláudia Reitberger

EDITORES
Cláudia Reitberger e Robson Vera
claudiareitberger@rockpress.com.br
robsonvera@rockpress.com.br

COLABORADORES
Alice Junes . Alexandre Petillo . André Caramante . André Takeda . Carlos Eduardo Lima . Carlos Lopes . Cláudio Amaral . Deborah Cassano . Erich Monteiro . Fábio Seidl . João Eduardo Veiga . João Veloso Júnior . Löis Lancaster . Marcelo Silva Costa . Marcelo Viegas . Márcio Faveri . Marco Antonio Bart . Marco Homobono . Marcos Bragatto . Marcus Marçal . Melvin Ribeiro . Michael Menezes . Sylvie Piccolotto . Wladimir Cruz . Ziggy

FOTOS
Fábio Seidl . Guilherme Campos . Klair Robson . Marcelo Ribeiro . Marcos Bragatto . Michael Menezes

REVISÃO
Alice Junes . Christina Flores . Mário Assis

DIAGRAMAÇÃO
Flávio Flock
flavioflock@rockpress.com.br

CORRESPONDENTES INTERNACIONAIS
Los Angeles - Paula Fonseca
Nova York - Kariley Moreira

DEPTO COMERCIAL
Robson Vera
robsonvera@rockpress.com.br

FOTOLITOS
Multijob
(21) 2569-1467

IMPRESSÃO
Zit Gráfica e Editora
(21) 2560-2078

ROCK PRESS é uma criação da Beat Press Editora Ltda. CGC: 40.433.120/0001-05. Endereço: Rua Conde de Lages, 44 Sala 603/ Glória/ Rio de Janeiro/ RJ/ 20241-080. Tel/fax: (21) 2507-4132
e-mail: rockpress@rockpress.com.br

CORRESPONDÊNCIA
Caixa Postal 14531/ Ipanema/ Rio de Janeiro/ RJ / 22412-970

DISTRIBUIÇÃO:
Fernando Chinaglia Dist. SA. R. Teodoro da Silva 907 / Rio de Janeiro/ RJ. Tel: (21) 2575-77

RP ON-LINE:
www.rockpress.com.br
Design & Manutenção: Al Eduardo

JORNALISTA RESPONSÁVEL
Cláudia Reitberger MTb 16560

Guilherme Campos

Thee Butcher's Orchestra

gigS

CIRCADÉLICA FESTIVAL
9 e 10/6/2001
Sorocaba/ SP

SENHORAS E SENHORES, estamos falando do novo Juntatribo! Organização redonda, horários rigorosamente cumpridos e – principalmente – shows de altíssimo nível! Quando cheguei ao local o **Pelvs** (RJ) iniciava sua apresentação, que privilegiou o material do disco novo (*Peninsula*), conciliando a influência de surf music do primeiro álbum com o clima low fi do segundo. Na seqüência, a revelação do ano passado, o **Grenade** (PR), destilando suas influências de folk music, porém fazendo um show morno. O clima só começou a esquentar (a ferver, na verdade) quando os **Walverdes** (RS) subiram ao palco para detonar seu neogrunge porradão, fechando com chave de ouro com uma cover do maravilhoso Rocket From the Crypt. O **Snooze** (SE) viajou trinta e seis horas para mostrar suas novas canções, cujo referencial mais óbvio é a santíssima trindade Beatles+Beach Boys+Teenage Fanclub. A nova formação da banda – agora um quarteto – possibilitou "passeios noise" mais duradouros bem como um incremento de backing vocals considerável. O show do **Magüerbes** (Americana/ SP) só serviu para provar que eles realmente não mereciam estar ali. Sofrível. Fabrício Nobre e o seu **MQN** (GO) não tiveram a recepção merecida para o seu rock básico e consistente. Bem que eles tentaram, incitando o público e tocando com muita vontade, mas parecia que a galera estava guardando forças para o show seguinte. O **Madeixas** (SC) subiu ao palco com o jogo ganho. A musa Camila hipnotizou a gurizada enquanto seu irmão mostrava uma performance pra lá de energética, condizente com a nova sonoridade "emopop" da banda, que tenta promover um encontro de Sunny Day com Afghan Whigs. Fogo e rock'n'roll alucinado marcaram a apresentação do **Thee Butcher's Orchestra** (SP), o Jon Spencer brasileiro! O **Astromato** (Campinas/ SP) é a bola da vez da cena indie, mas fez um show apenas regular, preparando o terreno para os local-heros do **Wry** (Sorocaba/ SP), que fizeram um show de despedida (a banda está de malas prontas para a Inglaterra) emocionante e histórico, fechando assim o primeiro dia do festival.

O domingo começou com dois shows dispensáveis, para dizer o mínimo:

Muzzarelas

Guilherme Campos

FESTIVAL ELETRONIKA TELEMIG CELULAR
Centro Cultural Casa do Conde de Santa Marinha, Belo Horizonte/ MG
26 a 28/4/2001

ETA ÉPOCAZINHA BOA de pipocar festival no país... apenas uma semana depois do Abril Pro Rock, em Recife, rolou outro festival bacana aproveitando as principais atrações internacionais do APR: o Eletronika, que trouxe para Belo Horizonte os shows mais bombásticos da atualidade. Bombásticos porque algumas cidades viram as mesmas atrações antes e, com a facilidade de comunicação de hoje em dia, a notícia circulou com mais rapidez e despertou a curiosidade de mais gente para vê-los – sem contar o pessoal que viu um show numa cidade e foi para outra ver de novo.

Bom, a bola da vez era BH e, ironicamente, um festival que tem tendências eletrônicas começou justamente com um autêntico show de rock'n'roll: Jon Spencer Blues Explosion. Sim, na primeira noite também teve a dupla eletro AD e vários outros DJs, como reza a cartilha do festival, mas o pessoal foi mesmo pra ver o trio nova-iorquino de duas guitarras (Jon Spencer e Judah Bauer) e um batera (Russell Simins). Mermão, vou te dizer uma coisa: o tal do Jon Spencer, uma mistura de Jim Morrison com Charles Manson, simplesmente MANDA: berra, cospe, baba, quebra pedestal, cai de joelhos, puxa palmas e faz uma barulheira desgraçada com o theremim ao lado dos amplis. A maioria da platéia não conhece praticamente nada sobre a banda (incluindo vosso missivista aqui), mas agita e presta atenção no show, tentando antever qual será a próxima atitude do vocalista que não cansava de repetir, em algumas músicas, o corinho puxado pela platéia antes do bis: BLUES EXPLOSION! Em suma: foi um estupro! Purificação. Rock'n'roll, enfim!

Já o segundo dia foi o que fez valer o nome do festival e, vai entender, foi também o mais vazio. Mesmo com a presença do DJ Patife e do anglo-carioca Amon Tobin, dois chapas quentes do drum'n'bass, mais uns DJs alemães e italianos e o inusitado duo entre Anvil FX e João Parahyba (do Trio Mocotó) não foram suficientes pra arrastarem meia multidão pro festival. Multidão essa que apareceu no terceiro e último dia. Pudera: era não só um, mas dois shows que prometiam abalar as estruturas da Casa do Conde: Nação Zumbi e Asian Dub Foundation, ambos no palco montado do lado externo exclusivamente para eles.

Bom, a Nação Zumbi não tava pra brincadeiras e botou o pessoal pra pular. Só pra não dizer que não rolou eletrônica no show dos caranguejos, vale lembrar a citação de "Pocket Calculator", do Kraftwerk, em "A Cidade" – que já estava fora do repertório há anos. No fim, um inesperado bis depois que os técnicos já estavam desligando os equipamentos.

Mas peraí, tinha algo estranho... o ADF desistiu de tocar no palco externo e preferiu se apresentar no Eletronika Club, um galpão fechado onde o Jon Spencer se apresentara anteriormente, onde cabiam mais ou menos mil pessoas espremidas. Motivo: "falta de segurança". Resultado: um palco enorme construído apenas pra Nação Zumbi. O pessoal da produção deve ter arrancado os cabelos, assim como alguns presentes que não acreditavam que o show que praticamente puxou o festival seria num pequeno espaço. Já tinha gente imaginando o caos. Literalmente, da lama ao caos.

Aquela velha "social" nos ambientes depois do show da Nação (o point preferido era o Café Com Letras, onde o pessoal sentava prum bate-papo) e corre-corre pra garantir um lugar no show do ADF, que merece apenas uma palavra: FANTÁSTICO! É incrível a presença de palco dos caras. Do lado esquerdo, o bassman Dr. Das. Do direito, o guitarrista Chandrasonic. Atrás, o DJ Pandit G. No centrão, os dois novos MCs, Aksha e Spex, diretamente do projeto paralelo Invasion, já que o titular Deedar pediu férias. Ainda tinha um percussionista (que parecia dublê de filme japonês), um batera e outro DJ. TODO MUNDO LOUCO! Insano! Pulando direto e incitando a platéia. E com o galpão lotado, ficou parecendo que estava todo mundo num clube londrino, dada a proximidade entre banda e público. Acabou que, pra quem estava na frente, foi um grandiosíssimo show (tanto é que o idiota aqui exibiu uma camisa da Seleção Inglesa e os músicos deram sinal de reprovação). No fim, bis e vaias. Vaias! O público esperava um segundo bis e, como a banda não voltou, os técnicos que desligavam os aparelhos no palco tiveram que ouvir uns zunzunzuns da platéia, que achou que iria se repetir o que aconteceu com a Nação Zumbi. Enfim, todo mundo suado, extasiado e feliz – pra quem estava lá dentro. Já quem assistiu do lado de fora reclamou do som e do telão. Bom, comemorem por ter assistido, pois muita gente nem entrou por causa dos ingressos esgotados. Perderam, tadinhos. Agora, só em Londres.

Erich Monteiro *ricamont@jfnet.com.br*

Andhye Iore/ Supers

maiores influências do Muzza. O **Maybees** (SP) fez o que todos esperavam, um show chato e sem sal. Jogando em casa, o **Biggs** (Sorocaba/ SP) tinha o público nas mãos e não se fez de rogado, tocando com vigor idêntico ao das suas principais referências, Bikini Kill e Slant 6. Outra bola fora foi o **Prole** (Americana/ SP), rapcore fraquinho e nada convincente. Na seqüência deveria vir o Pin Ups (SP) mas o grupo acabou no sábado e deixou todos sedentos, pois era um dos shows mais aguardados. Coisas da vida. O **Holly Tree** (SP) usou sua já conhecida fórmula: punk rock melódico à Green Day, que agrada a molecada mas não convence ouvidos mais "treinados". O último e mais aguardado show do festival foi o **Garage Fuzz** (Santos/ SP), que justificou a posição de headliner com um show impecável, lembrando os velhos tempos. Músicas antigas como "When All The Things" e "Morgan The Great Friend" serviram para matar as saudades da época do disco *Relax In Your Favorite Chair* (1994), os hits atuais ("Missing Memories", "Stream" etc) fizeram a poeira subir, enquanto as novas composições deixaram todos boquiabertos e ansiosos pelo próximo álbum de estúdio. E se o Circadélica é o novo Juntatribo, o show de encerramento do Garage serviu como redenção (lembram o que aconteceu com os caras no Juntatribo2?) para a melhor banda de hardcore da América Latina.

Wry

Guilherme Campos

Automatic Pilot (Sorocaba/ SP) e **Red Eyes** (SP). A festa só começou de verdade com o show matador do **Hateen** (SP), cujo hit, "404 Not Found", levou o público ao delírio. Caminho aberto para o show mais divertido, cortesia dos **Muzzarelas** (Campinas/ SP), que detonaram um set rápido e contagiante, repleto de clássicos como "Sometimes I Cry When I Watch TV" e "Mushroom Tea". Ainda sobrou tempo para fazer a alegria dos presentes tocando uma cover dos Ramones, aliás, uma das

Andhye Iore/ Supers

Quanto ao público? Sorriso estampado no rosto, vencendo até mesmo o cansaço pela maratona de rock, e uma convicta resolução: nos vemos no ano que vem. Até lá.

Marcelo Viegas viegas@jetstobrazil.com

INCANTATION
Malagueta, Rio 10/5/2001

A CASA DE CULTURA MALAGUETA, em São Cristovão, um dos templos sagrados do forró carioca, foi palco (e que palco, muito bom!) de um dos, infelizmente, raros shows de metal no Rio de Janeiro. A noite teve tudo para ficar na memória dos deathbangers, pena que os mesmos não tenham comparecido em bom número. Fora isso, só o fato do local ser um pouco escondido e alguns problemas com o som, no geral tudo OK. Iniciando os trabalhos, a banda gaúcha Rebealium fez sua primeira apresentação no Rio e surpreendeu a todos com um ótimo trabalho de guitarras. Aproveitaram para divulgar algumas das músicas do seu próximo álbum, *Annihilation*, previsto para julho, como "Rebellious Venegance", "Steel Siege", além de músicas dos seus trabalhos anteriores, como "At War", "The Legacy", entre outras. Ao final de seu set ouvia-se o seguinte comentário entre os presentes: "O Krisiun que se cuide!".

Em seguida, hora dos americanos do Incantation. Logo nos primeiros momentos um problema em uma das guitarras quase botou tudo a perder, mas o inconveniente foi resolvido e o show transcorreu normalmente, com a banda distribuindo e recebendo bastante simpatia (simpatia que a banda já mostrava desde cedo, quando circulava entre o público dando autógrafos, posando para fotos etc). Seu set foi bastante pesado com músicas como "Shadows", "Apocalyptic" e "Profanation". Feliz de quem foi, azar de quem não foi e perdeu uma prova que death metal pode ser feito com pura simplicidade! ***Michael Meneses***

Michael Meneses

TRANS AM e MAN OR ASTRO-MAN?
Ballroom, Rio

Segunda-feira serve para algo? Para lembrar de sexta? E quando temos um showzão à nossa espera? Salvou geral. Melhor ainda quando a duplinha do balaco é o trio de Chicago Trans Am com os maluquetes do Man or Astro Man? Por volta de 23h30 a primeira banda abriu os trabalhos com o tema "I Want It All", do recém-lançado (no Brasilis) *Redline*. Kraftwerk, Depeche Mode e Black Sabbath são influências muito perceptíveis. Guitarras mais eletrônica. A percussão sob o comando do argentino Sebastian Thompson (que morou em Curitiba) com uma chapa retorcida de metal como um dos pratos detonou. Foram mais do que uma grata surpresa. Só para citar: quando o guitarrista/baixista/tecladista Philip Manley agradeceu ao público com a voz limpa, seu companheiro Nathan Means munido de um vocoder comentou como era estranha a voz (humana) de Manley. Chiste "squizoid"!

Pela terceira vez no país, o MOAM? fez seu show habitual e profissional. Surf music espacial e algumas bobeiras quase imperdoáveis. Esquetes de filmes b eram projetadas sobre um cenário de círculos. O efeito barato mostrava bem a cara do grupo e de sua proposta de dourar a pílula do rock três acordes com o visual de três fotogramas. A diferença deu-se na presença da guitarrista Shannon Wright (com uma maria-chiquinha interplanetária) em substituição ao extraviado (em algum planeta) Blazar. Show correto mas um tanto quanto cansativo. A música sozinha parecia não se sustentar.

A casa não estava cheia e as poucas luzes do espetáculo relembraram a atual triste época desse racionamento. Que venham mais shows como esse e que as segundas-feiras não sejam mais as mesmas. ***Carlota Am Lopes***